

## APRESENTAÇÃO

*Lígia Negri, Maria José Foltran  
e Roberta Pires de Oliveira*

Com um prego enferrujado ou um graveto de castanheira, traçávamos um círculo no chão da praça, que já havia sido estrebaria do castelo e garagem de blindados dos dois exércitos de ocupação. Colocávamos no centro nossas figurinhas, representando animais, soldados em uniforme, futebolistas ou ciclistas famosos.

O jogo consistia em tirar as figurinhas do círculo, e cada um tinha a sua ferramenta própria: uma pedra chata, uma chapa de metal ou um caco de telha alisado interminavelmente nos dias de chuva.

Alguns meninos eram admiravelmente hábeis em acertar o monte de figurinhas, carregando-o inteiro para fora da risca no primeiro arremesso da malha; mas o vento que soprava dos “brik” era mais hábil que todos nós, e às vezes carregava as figurinhas para os quatro cantos do terreno baldio. Íamos encontrá-las dias depois, sem saber mais a quem pertenciam, desbotadas e empastadas de terra.

Por alguma razão misteriosa, lembro-me daquela praça e daquele vento toda vez que penso na precariedade de minha memória. Minhas figurinhas estão perdidas por todos os cantos, e misturaram-se para sempre com as de tantos companheiros que vieram traçar círculos no mesmo terreno baldio; sofreram com o vento, o sol e a chuva e todo o cuidado em espanar a terra que as cobre não lhes devolve o antigo colorido.

Retomamos essa cena do início de seu memorial para o concurso de titular na Unicamp, para nos reportarmos às figurinhas que Rodolfo Ilari conseguiu colecionar no círculo de suas relações tanto pessoais quanto acadêmicas, usando para isso com muita habilidade a sua ferramenta própria, a saber: o rigor científico, a integridade de caráter, a competência teórica, o respeito pelo outro, a modéstia.

Os nomes que compõem esta coletânea são representativos dessas interações com o homenageado e se fazem presentes para lembrar da sua atuação nas diversas instâncias acadêmicas e em diferentes áreas do saber, que compuseram uma obra que se abre em diferentes tópicos relacionados à linguagem: das questões filosóficas que embasam as diferentes teorias; das questões filológicas da Linguística Românica; da metodologia de ensino de língua; e, da semântica – desde questões formais, estruturais, e sua interface com a sintaxe e/ou pragmática, até mais pontuais, de natureza lexical. Ao tratar de todos esses assuntos, inclusive daqueles que fizeram parte de conversas mas não foram publicados, Ilari se projeta como um interlocutor privilegiado e competente e, por isso, acaba sendo um formador de pesquisadores em

diferentes áreas de atuação que apresentam, em comum, a característica do rigor epistemológico e uma imensa gratidão à escuta sempre precisa do mestre.

Desse ponto de vista, muitos outros pesquisadores poderiam e gostariam de integrar esta publicação comemorativa. Por questões de natureza editorial, tivemos que restringir essa participação àquela aqui representada, que, embora muito restrita frente às inúmeras possibilidades, dá uma visão clara da relação do homenageado com as diferentes áreas da lingüística e diferentes espaços de discussão e debates institucionais.

É em função desse debate institucional e interdisciplinar que se inscrevem aqui trabalhos como o de Maria Helena Moura Neves e o de Ataliba Teixeira de Castilho, relação intensificada no interior do Projeto da Gramática do Português Falado, este um dos lugares de atuação, considerado pelo próprio homenageado, como um dos mais instigantes. Neves trata da questão da regência verbal numa perspectiva da teoria funcional da gramática, observando, como ponto de partida a característica integrativa que sustenta as propostas do funcionalismo e Castilho aborda, para o português brasileiro, a diacronia das preposições espaciais consideradas a partir do eixo vertical de espacialização, isto é, de posições de superioridade e inferioridade, segundo classificação própria.

Milton do Nascimento e Marco Antônio de Oliveira também participaram desse espaço privilegiado de discussão que foi o Projeto da Gramática do Português Falado e contribuem aqui com um texto sobre a produção de sentido calcada no que chamam de componente computacional da mente. Propõem que essa produção se dá num espaço de referência instaurado no processo discursivo, o que os leva a considerar todo texto como um hipertexto.

Mesmo quando apenas leitor de trabalhos sobre linguagem, o nosso semanticista, arguto observador e analista da língua, sempre contribui com dados – exemplos e/ou contra-exemplos – que ajudam a iluminar os tratamentos propostos. Resultado desse tipo de interação, temos aqui o trabalho de Lúcia Lobato que, a partir de exemplos de construções resultativas propostos por Ilari, faz uma análise semântica desses predicados.

A interlocução dentro da Unicamp está representada aqui com os trabalhos de Ingedore Grunfeld Villaça Koch, João Wanderley Geraldi e Sírio Possenti, interlocução institucional que também extravasou suas fronteiras. Koch trata da importância da seleção do núcleo das formas nominais referenciais anafóricas na progressão textual, com vista à construção do sentido. Geraldi procura uma porta de saída para compreendermos a correlação entre o sentido e o fato, entre o universal e o individual, entre o real e o ideal na linguagem, revelada no jogo com a alteridade. E Possenti discute as relações entre a semântica argumentativa

de Ducrot, que se apresenta como uma teoria do sentido na língua, e a Análise do Discurso, para a qual a semântica, ao mesmo tempo, é e não é uma questão de língua. Nesse diálogo com uma orientação discursivo-textual, também se enquadra o trabalho de Luiz Antônio Marcuschi, que conversa diretamente com as inquietações do homenageado sobre referência. O autor propõe uma perspectiva sócio-cognitiva para a questão da referenciação, como uma relação instável, social, histórica e negociada entre linguagem e mundo.

Resultado da inter-relação mais direta de orientação acadêmica, estão os trabalhos de José Borges Neto, Ana Müller, Sérgio Menuzzi e Roberta Pires de Oliveira. Borges Neto faz uma análise dos fundamentos epistemológicos da Semântica Gerativa e sua evolução histórica; Müller trata a estrutura informacional de sentenças com nominais nus singulares e a relação destes com posições argumentais; Menuzzi discute, a partir do fenômeno da anáfora, as relações entre forma e significado, na interface sintaxe-semântica; e, Pires de Oliveira retoma a discussão sobre tema/rema focalizada na tese de doutorado de Ilari, propondo um redimensionamento das relações entre semântica e pragmática.

Essa variedade de interesses e relações revela um pesquisador apaixonado pelas questões da linguagem em toda a sua diversidade, um pesquisador metuculoso, um interlocutor atento, e por isso mesmo capaz de inspirar reflexões tão distintas.

Além das questões propriamente acadêmicas, Rodolfo Ilari também atuou de forma significativa em diferentes instâncias administrativas e políticas da vida universitária. Foi chefe do Departamento de Lingüística da Unicamp, do curso que ajudou a fundar, e posteriormente diretor do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Foi também coordenador da Biblioteca desse mesmo Instituto e, sob sua gestão, ampliou consideravelmente seu acervo, incorporando-lhe as bibliotecas de Theodoro Maurer Jr. e de Isaac Nicolau Salum. Junto às entidades associativas da comunidade lingüística, foi presidente do Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo (GEL), gestão responsável pelo lançamento da revista *Estudos Lingüísticos* e participou também da organização do Primeiro Encontro de Filosofia da Linguagem (1981) e do IX Congresso da ALFAL, além de integrar diretorias de outras associações científicas como ABRALIN e *International Pragmatics Association*.

Atua também na área de tradução de trabalhos lingüísticos e de teoria literária, tendo sido agraciado, em 1998, com o prêmio Jabuti, pela tradução do *Breviário de Estética*, de Benedetto Croce. É autor de várias publicações concernentes às diversas áreas acima mencionadas.

Desbotadas, amarrotadas, sujas de terra, as figurinhas que o mestre e amigo Rodolfo Ilari nos legou deixam ver em cores vivas a sua sagacidade, sua

perspicácia, sua humildade e capacidade de ouvir o outro, sua persistência e disposição para o trabalho, que, juntas, têm traçado as suas várias linhas de atuação, de interlocução e de influência.

Essa percepção que temos desse bielês tão brasileiro é corroborada por suas próprias palavras ao finalizar o mesmo memorial a que nos referimos acima:

Nos vinte e cinco anos que vem durando meu “período de experiência” na UNICAMP, sempre e a qualquer momento, achei razoável que alguma outra atividade que eu não tinha escolhido para mim - as tarefas administrativas, a “política”, as aulas, a participação em empreitadas intelectuais coletivas, o apoio a alguma causa válida - interferisse em meus planos pessoais de formação intelectual e pesquisa. Como membro de um Departamento e depois de um Instituto que ajudei a criar e construir, sempre procurei distinguir as tarefas necessárias das desnecessárias, mas entre as necessárias nunca me dei o direito de evitar as que, por qualquer parâmetro, pudessem ser consideradas menos nobres. De um ponto de vista pessoal, essa atitude tem um preço muito alto, que muita gente não paga, e por isso não conhece.

Eu sempre achei justo pagar, e tenho feito isso serenamente, mas com a teimosia dos meus conterrâneos, que, como refere Italo Calvino, é proverbial e escandalosa. Conta ele que, durante uma tempestade, Deus apareceu a um bielês perguntando-lhe para onde ia. “Para Biella”, responde o bielês, e quando Deus lhe pede que acrescente “Se Deus quiser”, o homem retruca que irá para Biella mesmo que Deus não queira. Por isso Deus o castiga, transformado-o em rã e mandando-o viver por sete longos anos, num pântano.

Sete anos depois, já cumprido o castigo, Deus lhe aparece novamente durante uma tempestade e, para confirmar que ele aprendeu a lição, pergunta-lhe aonde vai, certo de que o homem concluirá sua resposta com “se Deus quiser”. Em vez disso, o bielês diz a Deus que já conhece as regras e que, se for preciso, ele irá para o pântano, por mais sete anos.

Não me reconheço nesse bielês de Calvino. Em minhas relações com a instituição (aqui, o resto não conta), sou do tipo que vai para o pântano sem intervenção divina e sem tempestades de alerta, por uma preocupação íntima, teimosa e inglória de não ficar devendo.